

mente



... pois achamos que o CNE está a perder uma série de lutas e guerras pessoais menos claras.

união do mente 6
Miguel Baio

Fazer segurança ao Papa no Restelo é em si muito positivo, mas talvez não seja mau também discutir no clã a homilia

fezadamente 27
Jorge Lima

SUMÁRIO

entrevistadamente

Tentámos saber mais sobre a assistência nacional, e não só... O Padre Filipe defende-se bem.

eleitoralmente

Por favor, tentem dar o exemplo como dirigentes que são!

Ana Mota

mente

ANO V - Nº 3 (2ª Série) MAI/JUN 91

No fundo...

É AGORA?

Encontro Nacional de Caminheiros. Como foi vivido. Que pistas se lançaram, o que se disse sobre a proposta educativa para a IVª secção. O que nós dizemos.



Os caminheiros querem.

Deixá-los-ão?

FICHA TÉCNICA

Publicação do
movimento de encontro
novas tendências escutistas

Propriedade
CNE - Instituição de Utilidade Pública-

Agr. 109-Stº António dos Olivais (Coimbra),
235-Figueira da Foz e 358-Sé Nova (Coimbra)

Redacção e Administração
Apartado 3089 - 3000 COIMBRA

Director - João Armando

Chefe de Redacção - Zé Alfaiate

Administração - Isabel Ferreira

Redacção - A. Cardoso, Carlos Sousa Santos, Cila Rodrigues, Cristina Quadros, José Luís Malaquias, José Meneses, Miguel Baio

Ilustrações - Carlos Duarte e Cila Rodrigues

Fotografias - C. F. 603 (Antanhol)

Edição electrónica - Nuno Branco

Maquetização e Montagem - Joaquim Felício

Impressão - Tipografia Lousanense - Lousã

Depósito Legal - 7794/87

Tiragem - 500 ex.

Registo de Publicações Periódicas nº 112912

Assinatura (anual - 6 números) - 600\$00



O momento é este! Após anos e anos de idealização, preparação, execução, etc, chegou a altura de o C.N.E. dizer "Sim" ou "Não" às propostas pedagógicas das quatro secções. Atrever-me-ia a dizer que é dos momentos mais importantes para a associação nos últimos anos (décadas?).

Temos finalmente instrumentos de trabalho, algo a que os educadores no C.N.E. (e era tão bom que todos os dirigentes o quisessem ser, na realidade) podem recorrer. Algo que permite que haja alguma unidade (não era aconselhável que fosse uma unidade total) de actuação nas nossas alcateias grupos ou clãs, quer sejam de Bragança ou de Loulé, da Figueira da Foz ou de Manteigas (contínuando os condicionantes e condições locais a marcar cada uma das actuações, como é normal).

Deixemo-nos de histórias e de intermináveis discussões pseudo-intelectuais, inconsequentes, que muitas vezes só têm como objectivo chamar a atenção sobre os próprios intervenientes! O C.N.E. dispõe neste momento de quatro documentos, melhor ou pior articulados entre si que são um bom princípio de trabalho e que podem ajudar centenas ou milhares de dirigentes a fazer melhor o seu trabalho e, consequentemente, a levar os nossos jovens a tornarem-se cada vez melhores.

Serão as propostas ideais? Felizmente não! Existem uma série de pontos a melhorar mas isso pode ser feito "à posteriori". É até importante que isso se faça para que as propostas se mantenham vivas e adequadas às realidades.

O nosso apelo é este: **Vamos aprovar as propostas pedagógicas para as 4 secções!** É isto que nos exigem os 50 000 jovens da nossa associação. Foi isto que exigiram, por unanimidade, os caminheiros reunidos em Abril em Encontro Nacional.

E que bonito foi ver 600 caminheiros empenhados na discussão do seu futuro! Que bonito foi ver olhos e sorrisos carregados de expectativa e de surpresa por finalmente, alguém se ter preocupado com eles!

O dia 29 de Junho é o "Dia D" é o dia em que alguns eminentes dirigentes do C.N.E. (elementos nas regiões) se reúnem em Conselho Nacional para aprovar as propostas (ou não...). Lamentavelmente o "ensaio geral" não foi famoso. As 3^{as} Jornadas Pedagógicas que eram suposto realizar-se antes do Conselho Nacional para debater alterações aos documentos não se realizaram... por falta de inscrições (!) de alguns dos eminentes dirigentes da nossa Associação. Vamos esperar que, como é normal no teatro "um mau ensaio geral precede uma grande estreia".

Senhores Conselheiros: Surpreendam-nos e desmintam o nosso Chefe Nacional que tem vindo a apontar o distanciamento entre os representantes no C.N. (com a sua venerável idade) e as bases. Para bem de todos:

APROVEM AS PROPOSTAS

JOÃO ARMANDO

Proteger a natureza Continuar a Criação

Com a ideia de promover a salvaguarda da natureza, há interesses que todos podem partilhar. Torna-se claro que se o

continuarmos a poluir e a destruir como até agora, dentro em breve o planeta será inabitável. É um argumento de peso para nos comprometermos nesta luta.

Os cristãos têm necessidade de invocar um outro argumento, desta feita teológico: **que a Terra não nos pertence, que não somos os seus únicos e derradeiros senhores, e que não podemos abusar dela até à destruição, porque o seu Criador foi Deus.**

Muitos cristãos sentem-se todavia incomodados por este género de argumentos (assim, Deus foi excluído do 6º artigo da lei do escuta na sua última reformulação), porque a própria ideia de Criação parece antiquada face às teorias científicas. O problema é evidente se o

podemos em termos científicos. Seria propósito dos textos bíblicos dar-nos esclarecimentos científicos sobre a origem do mundo e das espécies? Não deveremos jamais esquecer-nos que os livros bíblicos eram livros teológicos...

“Respeitar as coisas, e tudo o que vive, para respeitar o Homem”

Esses textos ensinam-nos, antes de mais, a ver uma ligação entre o respeito pela Natureza e o problema de relacionamento entre os humanos. Toda a nossa civilização, nestes últimos séculos, se esforçou hones-

tamente em fazer respeitar as pessoas, mas, em nome de um dualismo radical, permitiu que se negligenciassem as “coisas”. Houve uma sobrevalorização absoluta da pessoa humana (ao fazê-lo acreditamo-nos verdadeiros humanistas e mesmo dignos cristãos), contra uma desvalorização absoluta da matéria. Ora as duas últimas grandes guerras, e Auschwitz em particular, mostraram-nos que nada mais era necessário para que Homens civilizados (persuadidos de serem super-homens) decidissem classificar o inimigo ou determinada categoria de pessoas como sendo animais ou vulgares objectos ... para fazê-los sofrer a sua mais absoluta desconsideração, ou seja, para eliminá-los sem escrúpulos. Os discursos de certos dirigentes políticos funcionam da mesma maneira, mesmo actualmente.

Houve uma sobrevalorização absoluta da pessoa humana (ao fazê-lo acreditamo-nos verdadeiros humanistas e mesmo dignos cristãos), contra uma desvalorização absoluta da matéria.

Não se chegaria a isto com a mesma facilidade se não tivesse havido esta desconsideração absoluta pelas "coisas". **Sejamos pois persuadidos que as coisas, a matéria, a natureza, são todas tão respeitáveis como o Homem.** Se acreditarmos nisto, respeitaremos mais os próprios seres humanos. No Cristianismo, esta posição é fundamentada colocando Deus como criador de um e de outro, do humano e da matéria. Assim, a matéria é mais do que simples matéria: ela é também criação divina.

"Actor na história mais do que figurante na natureza"

Parece-nos também que o Homem se insere na História e que aí deve desempenhar um papel responsável. O homem é apresentado como herdeiro, depositário, responsável pelo bom prosseguimento da obra criadora de Deus. Com efeito, a narração da criação não ocupa mais que algumas páginas na Bíblia, enquanto que o curso da História ocupa aí centenas. O homem não se situa na Natureza como se tivesse sido depositado num belo jardim bem desenhado, no qual não poderia tocar e do qual deveria tornar-se jardineiro. Dito de outro modo, em termos filosóficos, o homem não deve submeter-se ao determinismo ou

a um fatalismo qualquer. O seu destino não é o de descodificar as "leis" naturais (que criamos, até à pouco, serem deterministas) para melhor se lhes submeter. **O homem, na representação bíblica, deve decidir-se por um projecto (e o Deus bíblico aí lhe propõe um), deve**

necessidades caninas, reivindica-se aí **um outro modo de vida, outras relações humanas, outras relações económicas entre os países, etc...** Enquanto Cristãos, só podemos abraçar na plenitude estas ideias, tendo em vista aquilo que o Novo Testamento chama o "Reino de

O homem não se situa na Natureza como se tivesse sido depositado num belo jardim bem desenhado, no qual não poderia tocar e do qual deveria tornar-se jardineiro.

pô-lo em prática e assim escrever a História de maneira activa. O respeito pela Natureza faz, certamente, parte desta história, mas não é suficiente "respeitar a natureza" para realizar a sua missão de Humano.

"Para inaugurar lugares novos e uma terra nova"

Na linha do "pecado original", os textos bíblicos não são muito optimistas sobre as capacidades do homem seguir fielmente o seu projecto. Daí o apelo, bastante premente nos profetas, à mudança de vida, ao fazer tudo de novo. Há algo disto no movimento ecológico contemporâneo. Não se trata apenas de plantar árvores ou de dispôr caixas de areia para as

Deus". No interior do nosso escutismo seria interessante, nesta linha de pensamentos, tomar consciência ou revalorizar ou talvez reinventar novos modos de vida, formas de relacionamento humano "alternativas", coerentes com o nosso projecto de Sociedade.

Ao nível pedagógico, tal poderá significar que se deve repensar em que é que as nossas propostas pedagógicas permitem aos jovens partir de novo, em que são elas mensagens de esperança, se criam algo de novo nos homens?... ou Homens Novos?

Claude Sétis
Revista "Objectifs"
nº 232, F.S.C. (Bélgica)

PALAVRAS SOBRE O MOMENTO DA ASSOCIAÇÃO

Da Politiquice...

Está o nosso C.N.E. a começar a viver momentos algo agitados e perturbados

que poderão, de um modo ou de outro, vir a trazer alguns problemas e dissabores.

Foi com alguma surpresa mas, mas com muita alegria que vi, nas últimas eleições para a Junta Central, surgirem duas listas com programas e pessoas diferentes. Surpresa porque foi a primeira vez que tive conhecimento surgirem duas sensibilidades para ocupar um cargo de direcção numa alta estrutura do nosso movimento. Alegria porque a nossa associação deve reger-se por regras democráticas e o facto de aparecerem duas tendências só poderia enriquecer o nosso C.N.E., pois levaria a um debate de ideias mais profundo, e dava a hipótese de escolha entre os dois projectos apresentados. E, no final de contas, o peso das pessoas envolvidas nas duas listas era bastante grande e, para quem acreditava que o objectivo de ambas era o de servir o escutismo, a escolha era difícil.

No entanto, o que é que aconteceu? Debateram-se mais as pessoas que as ideias, guerreou-se mais do que se apresentaram propostas, ideias ou alternativas para o escutismo que diariamente se vai fazendo por todo o país, e no final, algumas relações cortadas e a perda imediata de pessoas válidas para o movimento, com o afastamento de algumas outras.

Não pensava na altura que isto poderia alguma vez acontecer, pois acreditava que os nossos dirigentes só continuavam a ser escuteiros porque

acreditavam no escutismo e tinham uma grande vontade de servir o nosso movimento e, desde a sua promessa de exploradores, ainda se recordavam da promessa que fizeram, em que responderam ao seu chefe dizendo que não vinham com intenção a qualquer recompensa.

Hoje o problema volta a repetir-se. Com o aproximar da data das eleições para a Junta Central, as pessoas voltam a movimentar-se para o aparecimento de mais do que uma lista, as tendências vão-se juntando e vão auscultando as bases das suas hipóteses de poderem continuar no poder ou poderem fazer um assalto a este.

Se os princípios e os objectivos forem aqueles que atrás referi, de servirem o movimento e não se servirem do poder para as suas realizações e satisfações pessoais, podem ter a certeza que poderão contar com todo o nosso apoio. Senão podem contar, desde já, com a nossa crítica e intervenção, pois achamos que o C.N.E. está a perder com uma série de lutas e guerras

pessoais menos claras.

Um exemplo? É o caso do aparecimento, quase simultâneo, de três propostas educativas para a IV^a secção e o modo como foram divulgadas. Se numa das maiores regiões do país foi apresentada, em Encontro Regional de Caminheiros, a proposta de Setúbal como aquela que surgiu das Jornadas Pedagógicas; se, por outro lado, numa das publicações escutistas nacionais de maior expansão era apresentada, como única, a proposta trabalhada, e finalmente divulgada, por Braga e anterior Divisão Pedagógica Nacional; se, ainda por outro lado, a própria Junta Central, tentou neutralizar-se o mais possível em relação ao Encontro Nacional de Caminheiros, onde foi apresentada a proposta que surgiu dos textos possíveis de recolher, e que tinham sido elaborados pela anterior D.P.N., onde foram incluídas as alterações propostas pelas próprias Jornadas Pedagógicas, tudo isto, no seu conjunto, e não considerando como factos isolados, poderá querer dizer que no C.N.E. já manda mais a

Assalto

Com o aproximar da data das eleições para a Junta Central, as pessoas voltam a movimentar-se para o aparecimento de mais do que uma lista, as tendências vão-se juntando e vão auscultando as bases das suas hipóteses de poderem continuar no poder ou poderem fazer um assalto a este.

Interesses

Não são os interesses pessoais destas ou daquelas pessoas que estão em jogo, destes que hoje são poder ou daqueles que amanhã podem vir a ocupar esse lugar, é o esforço por servir o movimento e o incarnar os ideais que apreenderam enquanto eram jovens.

politiquice que o gosto pelo escutismo.

Na verdade, em relação aos dois primeiros factos apresentados, os responsáveis estiveram presentes nas Jornadas Pedagógicas, logo, tinham conhecimento de tudo o que se tinha passado.

algumas alterações, como é o caso, por exemplo, da mudança de idades ou de nomes. Os representantes do C.N.E. serão então chamados a votar uma série de alterações. Aí é preciso não confundir o voto das propostas como um voto de confiança a esta Junta Central, é preciso

dos grupos de trabalho ao longo dos últimos anos e não as pessoas que as elaboraram. O importante é o C.N.E. como movimento de juventude e não as pessoas que as fizeram. Não são os interesses pessoais destas ou daquelas pessoas que estão em jogo, destes que hoje são poder ou daqueles que amanhã podem vir a ocupar esse lugar, é o esforço por servir o movimento e o incarnar os ideais que apreenderam enquanto eram jovens.

Não transformem o nosso belo movimento numa mera organização política de juventude dirigida por indivíduos que pelos seus interesses pessoais, e não dos jovens a quem se propuseram servir.

Não sei se continuamos a ser ingénuos mas ainda acreditamos no "ask the boy", e quando nos propusémos auscultar os Caminheiros em Encontro Nacional, pensávamos que as suas opiniões eram importantes e que poderiam contribuir para um C.N.E. melhor.



Mas o pior ainda poderá estar para vir, aquando da realização do próximo Conselho Nacional. Aí irão ser apresentadas as propostas educativas das quatro secções com todas as alterações que foram surgindo. Para serem aprovadas o Regulamento Geral do C.N.E. terá que sofrer

passar da teoria à prática, e apesar destas propostas não serem as melhores, são as possíveis neste momento. É preciso fazê-las aprovar para que não fiquemos mais quarenta ou cinquenta anos à espera que outras surjam.

Aqui o importante são as ideias que surgiram

atrasadamente

Este número da revista chegará aos leitores com considerável atraso que se fica a dever a dificuldades em dar à estampa os artigos que estão em poder da redacção há já algum tempo. Assim se explica que alguns dos artigos (os que dizem respeito ao Conselho Nacional) se revelem temporalmente desfasados.

Apesar de tudo e porque essas peças revelam fundadas preocupações sobre o comportamento do Conselho Nacional (parcialmente desmentidas no decorrer deste) decidimos não efectuar alterações, de modo a que o todo do número não fosse comprometido.

Pelo atraso apresentamos as nossas desculpas.

A redacção



PETZL

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

SUBMATE Ida

*TUDO PARA ESCALADA, MONTANHA, ESPELEOLOGIA
ORGANIZAMOS CURSOS DE ESCALADA E ESPELEOLOGIA
PEÇA INFORMAÇÕES POR TELEFONE*

AV. EUA, 48-A • 1700 LISBOA • TEL. 80 37 29

meleitoral e

ANA MOTA

Queridos Chefes

1º A honra do Escuta inspira confiança;

2º O Escuta é leal;

...

10º O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções.

É isto que transmitimos aos nossos jovens, são estes os princípios que lhes damos para se orientarem na sua vida e como fim último a alcançarem.

Agora, uma pergunta: como são estes vividos pelos dirigentes?... E lá vem o clássico "Façam o que eu digo, não façam o que eu faço"... Está bem, nós não prometemos fazê-lo, mas prometemos fazer todo o possível...

Mas agora perguntem-me, porque é que estou a vir para aqui armada em moralista, conservadora, defensora dos bons costumes...?

É que sabem eu já fui ingénua, inocente... cresci a ver o Escutismo de uma forma bastante pura, acreditava que no Escutismo os irmãos eram amigos e se davam bem uns com os outros (ou pelo menos, esforçavam-se para que tal sucedesse) e se isto acontecia no Agrupamento, a hipótese de não se passar assim, a nível regional ou nacional nem sequer era levantada!

Como vejo hoje que estava enganada... ninguém é perfeito e estas coisas vão-se aprendendo... fui-me apercebendo de lutas de poder, "mal entendidos" em que não se faz muito esforço para se tornarem "entendidos" e isto não só de um lado mas de vários lados e de diferentes grupos.

Começo por me interrogar, porque será que isto acontece? Quais os motivos porque surgem num movimento como o CNE?

Algumas das ideias que me ocorrem poderão ser: procura de prestígio (ter influência sobre os outros, ser conhecido...); poder dar uns passeios, ir ao estrangeiro; vaidade, orgulho.

Mas também, poderão haver motivos como: gosto pela juventude, pensar que se pode fazer qualquer coisa nesse sentido e tentar; acreditar no ideal escutista.

É preciso, no entanto, estar alerta para quando os primeiros se sobrepõem aos segundos! Podem conduzir ao egoísmo e fazer acreditar "nós somos os melhores para esta função" e para tal temos que lutar por ela, não interessa os meios a utilizar, as "polituques" a usar, nem os "jogos sujos" que se façam...

E aqui, voltemos ao início do meu artigo e peço-vos a todos os que se vão candidatar às próximas eleições, que se lembrem: vão ser eleições escutistas e para a Junta Central (Serviços Centrais)!

Por favor, tentem dar o exemplo como dirigentes que são! E já agora mais um favor "Portem-se bem" que eu vou tentar não me portar muito mal e acabar para já a minha escrita.



No Fundo...

É AGORA?

JOSÉ ALFAIATE • MIGUEL BAIO • JOÃO ROSA
JOSÉ ANTÓNIO CRUZ • ANA PAULA CRUZ

É AGORA?

JOÃO ROSA

IV Encontro Nacional de Caminheiros: 12 anos depois do III, será a IVª secção morta? Não! - Decididamente não! - O encontro demonstrou-o.

A mim, pessoalmente, depois do encontro várias questões se me puseram: - Que IV temos e que caminheiros temos? - Que chefes de clã temos e, fatalmente, que futuro teremos.

Dum testemunho do encontro, tentaremos abordar as tais questões e... deixá-las sem resposta?

PONTO Nº 1 - A ORGÂNICA

Foi inegavelmente boa. Provou-se que as grandes actividades podem ser, organizativamente, um êxito desde que se tenha dinheiro e se esteja disposto a gastá-lo, ou seja, desde que não se tenha em vista o lucro mas sim o prejuízo.

PONTO Nº 2 - A ADESÃO

A "convocatória" deste encontro saiu, como é do conhecimento geral, demasiado em cima da hora. Mesmo assim houveram cerca de 600 inscrições e umas dezenas mais ficaram por atender. Os caminheiros responderam de forma inequívoca ao apêlo. Os caminheiros sentem necessidade deste tipo de acções. Precisam de fazer coisas novas, conhecer outras experiências de escutismo, saber o que os outros fazem. Portanto, se os caminheiros querem isto porque não oferecer-lho mais vezes? Será por inércia, inépcia ou... medo?

PONTO Nº 3 - A PROPOSTA

Os caminheiros sabem pensar, debater e principalmente, defender o que pensam. Demonstraram-no aqueles que, quer no clã do seu agrupamento quer no do encontro, foram motivados para o debate da proposta educativa da IVª.

Demonstraram-no quer nos debates em clã, quer depois durante o fórum de campo. Deram-se a conhecer ideias necessariamente diversas, produto de experiências diferentes, por vezes inconciliáveis.

Os caminheiros deram a sua opinião sobre a proposta e sugeriram como melhorá-la. Espera-se que essas sugestões não caiam em saco roto porque, nunca é demais lembrar, eles são os principais interessados no assunto...

Neste ponto não resisto à tentação de ser "mauzinho": que raio de coisas esquisitas se passam no CNE!!! - Então a IVª está p'ra cima de um ror de anos sem proposta educativa e assim de repente, aparecem logo TRÊS!!! - Acreditem que me fez mal à digestão... - Que estranha POLÍTICA (no seu sentido menos limpo). Parece que se anda a brincar aos jogos de interesses entre as regiões. Uma sugestão: - Quem gosta tanto de política e de "manobras", que se dedique a ela... nos partidos (até há por aí alguns com crise de dirigentes...)

PONTO Nº 4 - A AVALIAÇÃO

Os caminheiros não são tão "cortes" quanto se possa pensar. Ou seja, os caminheiros quando gostam, gostam mesmo e não têm problemas em dizê-lo. Em muitos momentos sentimos que o povo estava a curtir a coisa. Foi durante as refeições, foi nas pequenas avaliações de fim-de-dia. Foi durante o Forum, durante e à chegada das "caldeiradas" (leia-se "ateliers"). A confirmação final, para quem ainda tivesse dúvidas, surgiu na avaliação final em que, inequivocamente os caminheiros afirmaram "gostámos". Repita-se que nós cá estaremos.

PONTO Nº 5 - O MENOS BOM

Nem tudo foram rosas. Houve pontos menos altos (o que não significa obrigatoriamente que foram baixos). Para mim foram dois: - O fogo de conelho. Falhou a equipe de animação.

- A eucaristia e não sei porquê. Se calhar porque metade do pessoal já tinha arrancado; se calhar apenas fruto da "religiosidade" real que temos na IVª.

PONTO Nº 6 - OS CHEFES...

... de clã. Como não poderia deixar de ser, temos de tudo. Temos os tipos realmente bons

A vocês, que tal como eu, lá estiveram vejam lá se não esquecem de como aquilo foi bom e, principalmente, se não esquecem os planos (muitos ou poucos) que fizeram.

ou que se esforçam por serem bons, que se empenham para que as coisas saiam bem feitas. Depois temos aqueles que se esforçam por ser porreiros que são os que abandonam completamente as coisas, pensando (coitados) que é assim que agradam aos caminheiros. Triste ilusão... a única coisa que conseguem é fazer dos seus caminheiros uns bandalhos. Tivemos um ou dois exemplos no encontro.

PONTO Nº7 - DAQUI PARA A FRENTE

O encontro foi bom mas o que é que isso vai influenciar, nos caminheiros, nos clãs, na super-estrutura do CNE?

Infelizmente pouco. Nas alturas de euforia fazem-se planos. Agora vamos fazer isto e aquilo, trabalhar desta ou daquela maneira. Mas depois tudo se dilui e se esvai e ficam apenas os planos. Por exemplo, durante o encontro foi lançada uma ideia de actividade nacional de solidariedade para com lares de crianças na Roménia (antigos orfanatos de irrecuperáveis - como lhes chamava Ceau-sescu). Quantos de vocês é que já começaram a trabalhar nisso nos clãs?

Esperamos que as propostas de alterações à proposta, feitas no forum não se depositem também elas no fundo de alguma gaveta de algum burocrata-escuteiro habitante da novíssima sede nacional.

A vocês que, tal como eu, lá estiveram vejam lá se não esquecem de como aquilo foi bom e, principalmente, se não esquecem os planos (muitos ou poucos) que fizeram.

E assim ficamos, que venha o Vº.

É AGORA?

IV ENCONTRO NACIONAL DE CAMINHEIROS

CONCLUSÕES DO FÓRUM

Os caminheiros reunidos em Encontro Nacional na Figueira da Foz deliberaram, em Fórum realizado no dia 26 de Abril de 1991, propôr à Divisão Pedagógica Nacional que:

Leve à aprovação, na generalidade, pelas Jornadas Pedagógicas Nacionais o Projecto de Proposta Pedagógica para a IV Secção publicado pela D.P.N., introduzindo-lhe alterações nas seguintes áreas:

- a) **Sistema de Progresso** – Por se considerar que a sua actual estrutura, por demasiado extensa e não enquadrada na dinâmica da Caminhada, limita a criatividade do Caminheiro e do Clã na eleição das suas actividades e prioridades;
- b) **Idade da Partida** – Porque, embora concordando globalmente com a vivência em Clã até aos 22 anos, consideram necessário definir, preservando-o, o estatuto de permanência no Escutismo dos elementos não dirigentes até aos 25 anos;
- c) **Período de Adesão** – Que este período possa ser ampliado até aos 12 meses;
- d) **Participação no Conselho de Clã** – Que os noviços e aspirantes possam participar neste Conselho, com voto consultivo;
- e) **Especialidades** – Que se defina o conteúdo e programa das especialidades para Caminheiros e não se limite cada Caminheiro à participação e atribuição de uma única;
- f) **Equipas Mutáveis** – Tornar possível, caso o Clã o deseje, a existência de Equipas Mutáveis.

Os Caminheiros deliberaram ainda manifestar o seu apoio à escolha do ideal do Homem Novo para seu caminho, e da simbologia que esse ideal encerra.

Finalmente, congratularam-se pela existência deste Projecto de Proposta que esperam ver melhorado e trazido à prática dos nossos Clãs com a maior brevidade possível.

Figueira da Foz, 26 de Abril de 1991

É AGORA?

IV ENCONTRO NACIONAL DE CAMINHEIROS

CONCLUSÕES DA REUNIÃO DOS CHEFES DE CLÃ

Os Chefes de Clã presentes no IV Encontro Nacional de Caminheiros e reunidos durante o dia 27 de Abril de 1991, para debaterem a proposta educativa da IV Secção concluíram e decidiram dar a conhecer à D.P.N. o seguinte:

- 1) O Escutismo, e especificamente o Caminheirismo, é um meio de preparar indivíduos para a sociedade, e não de se autoabastecer. Assim, a função do Clã é permitir ao jovem a busca da sua maturidade plena;
- 2) O Conselho dos Chefes de Equipa não poderá ser deliberativo mas apenas executivo;
- 3) Reintroduzir o Padrinho como acompanhante do Aspirante/Noviço durante a vigília, de escolha própria e dentro do respectivo Clã;
- 4) Tornar a Proposta um projecto flexível aberto a diferentes situações e susceptível de enriquecimento e desenvolvimento através de publicações específicas para os Dirigentes, Chefe de Equipa e Caminheiro;
- 5) Permitir ao Caminheiro a vivência do Clã e percurso das etapas do progresso, vedando-lhe as Comissões de Serviço;
- 6) No progresso, propõe-se diminuir o número de provas para uma por área, a escolher pelo indivíduo de entre as quatro propostas (com a eliminação da designação de obrigatórias e facultativas) e mantendo-se as três livres a combinar entre o próprio e o Chefe de Clã;
- 7) Capacitar os Caminheiros de que eles estão preparados mais cedo para assumirem responsabilidades dentro e/ou fora do Escutismo, dando-se aos outros;
- 8) Sensibilizar as Regiões, especificamente os seus delegados ao C.N.R., para que possam ser reflexo da vontade de mudança definida neste encontro;
- 9) Organizar para 5 e 6 de Outubro p. f. um tempo/espço de encontro onde Chefes de Clã, Chefes de Departamentos da IV e Secretários Pedagógicos de Núcleo e Regionais, possam aprofundar o conhecimento da proposta e mais consistentemente iniciar a aplicação da mesma.

Figueira da Foz 27 de Abril de 1991

Nota: Devido à marcação da data das próximas eleições legislativas para 6 de Outubro, o encontro referido no ponto 9 passou a ter como nova data o fim de semana seguinte - 12/13 de Outubro.

É AGORA?

ANA PAULA CRUZ • JOSÉ ANTÓNIO CRUZ

O QUE PENSA A IV SECÇÃO DA SUA PROPOSTA EDUCATIVA

“Congratulamo-nos pela existência deste Projecto de Proposta, que esperamos ver melhorado e trazido à prática dos nossos Clãs, com a maior gravidade possível”.

(in Conclusões do Forum)

Era caso para dizermos que a Proposta “deu à costa”! Depois de fazer correr muita tinta, de ser tema de reuniões, das que sabemos e de outras... de ser discutida, escondida... foi recebida em Festa, como um amigo que tardava em chegar. Um magote de gente lá estava para aplaudir: com convicção... ou com esperança!

Definida à partida como um dos objectivos do Encontro da Figueira, a discussão da Proposta foi uma realidade. Chegámos a rezear os fenómenos do “abstencionismo” ou do “Maria vai com as outras”, mas nenhuma outra reacção teria sido mais convincente ou entusiasmada do que aquela a que assistimos. Houve debate, consenso, compromisso... Tudo isto numa sessão bem orientada e com um final feliz: a aprovação de um articulado de conclusões.

Para aqueles a que restam ainda dúvidas acerca da representatividade do Encontro, deixamos números:

- Todas as regiões representadas com a excepção de Lamego e Évora;
- 525 caminheiros presentes;
- 45 dirigentes onde 90% eram Chefes de Clã.

De acordo com a metodologia pré-estabelecida as questões de maior consenso entre os Clãs foram arredadas da discussão. Processou-se então a troca de pontos de vista, de espaço a espaço sintetizados pelo moderador. O capítulo da mística foi aceite quase unanimemente e as questões mais discutidas foram a idade dos caminheiros e o sistema de progresso. Analisemos os números:

1. ORGANIZAÇÃO

A leitura dos resultados do inquérito sobre a Proposta Educativa diz-nos que as questões mais debatidas foram as comissões

do serviço e a idade limite dos caminheiros.

A sustentar a ideia de que as comissões de serviço deverão ser excepcionais, 75% dos caminheiros admite duas situações:

- Por exigência das circunstâncias;
- A vontade do caminheiro em causa.

A questão da idade dividiu os caminheiros:

- 5% não responde;
- 35% concorda com os 22 anos;
- 60% discorda, optando contudo por situações diversas: os que optam pelos 24 anos; os que defendem uma quinta etapa entre os 22 e os 25; os que não apresentam solução alguma!

O texto das conclusões parece-nos contudo esclarecedor – os caminheiros consideram necessário definir o “estatuto de permanência no escutismo dos indivíduos não dirigentes até aos 25 anos”.

Outras questões se abordaram, menos polémicas, como: a possibilidade de existência de equipas motáveis de acordo com interesses, objectivos ou projectos comuns; o alargamento para 12 meses da fase de noviciado/ aspirantado; a participação de noviços e aspirantes no Conselho de Clã com estatuto consultivo.

2 – MISTICA E SIMBOLOGIA

Para ilustrar apenas o que atrás foi dito, transcreve-se parte do texto das conclusões: “Os caminheiros reunidos em Encontro Nacional na Figueira da Foz deliberaram manifestar o seu apoio à escolha do Ideal do Homem Novo para o seu Caminho e da simbologia que esse ideal encerra”.

3 – PEDAGOGIA DA FÉ

As “Bem Aventuranças” como nova proposta para o Caminho foram aceites por 80% dos presentes. Os restantes 20% nada alegam para justificar a sua negativa ou consideram-nas “esquecidas”, “subjectivas” ou de “difícil adaptação às situações reais”. Mais à frente, contudo, estes 20% crescemos demais para, sem excepção, dizer que certas noções como a de despojamento, de partilha, de

compromisso, de espírito de paz, etc... – afinal, expressão clara do espírito das Bem Aventuranças – são “mais do que nunca actuais”!

Uma outra questão pode ser encarada como sinal de maior responsabilização: enquanto 60% dos caminheiros consideram o Assistente o principal responsável pela Pedagogia da Fé, os restantes repartem essa função entre o Chefe de Clã, os leigos em geral e mesmo os próprios caminheiros.

4 – ESTRUTURA PADRÃO DAS ACTIVIDADES TÍPICAS

A “Caminhada” foi aceite por todos como designação do método a utilizar na IV Secção. Deixamos então de falar em Projecto ou Empreendimento, ganhando assim a secção algo mais de especificidade, também na terminologia.

Os caminheiros consideram ainda que o bom funcionamento do Clã depende do conjugar das seguintes situações:

- Equilíbrio entre actividades de equipa e de Clã;
- Espaço para a iniciativa individual;
- Dinamismo do Chefe de Clã.

5 - SISTEMA DE PROGRESSO

Largamente debatido, é considerado “pedra de toque” da proposta - logo seguida da mística e simbologia. Muito positivo no seu global, trouxe divididos os caminheiros, que consideraram necessário alterá-lo conferindo-lhe maior flexibilidade. Na reunião de Chefes de Clã que se seguiu, aprovar-se-ia uma proposta que concretiza aquelas aspirações e que reduz as provas a cumprir para uma por área - sendo de livre escolha entre as sugeridas - acrescidas das três provas livres já indicadas.

O Projecto Pessoal de Vida (novidade em termos de IV Secção) e a Carta de Clã, foram aceites com bastente agrado!

- E AGORA ?

AGORA, resta-nos aguardar que a aprovação e a colocação em prática da Proposta nos permitam finalmente dizer: **É AGORA !!!**

É AGORA?

ZÉ ALFAIATE

Proposta pedagógica para a IV^a Secção - - Um parto difícil. Pudera!

Não há leis da genética que facilmente expliquem este aparecimento simultâneo de trigémeos, dois parecidos, com idênticos sinais de família, um outro herdeiro de caracteres muito diferentes. Uns estiveram tempo de mais em gestação (pois não havia uma proposta já preparada há 4 ou 5 anos, pelo menos?) outros apresentam a fragilidade de prematuros (terão que ser bem cuidados para medrar convenientemente).

E desculpem-nos este intróito. Veio ao correr da pena e, olhando-o retrospectivamente, foi talvez uma forma de, por meias palavras, passar de leve e de largo um tema difícil e que toca muitas susceptibilidades dentro do C.N.E.. **Não conhecemos toda a extensão de acções e omissões de boas-intenções e perceptíveis jogadas de bastidor que, numa associação claramente entregue, por boa parte dos seus dirigentes, a simples lutas de poder e vaidade, protelou tão longamente a saída da proposta pedagógica de IV^a e promete agora, com a existência de textos diferentes de origens distintas, criar uma nova "guerra": a da sua aprovação final e definitiva.**

É que há três!

Uma (chamar-lhe-emos "de Braga") tem a chancela da antiga Divisão Pedagógica Nacional. É a tal de quem se dizia, há 4 ou 5 anos, estar pronta a sair. O tal "gémeo" com tempo a mais de gestação.

Outra, apresentada pela actual Divisão Pedagógica Nacional, apresenta, em relação à primeira muitas afinidades, alguns textos mesmo iguais: outros resultantes das 2^{as} Jornadas Pedagógicas e que nem sempre ligam bem com os primeiros. Resultou de um trabalho de reunião de material já existente com ideias novas e, se calhar, menos amadurecidas. Faltam-lhe, notoriamente, "acabamentos".

O tal gémeo semelhante, mas prematuro.

A última (chamar-lhe-emos “de Setúbal”) resulta também em parte, ao que parece, dessa organização quiçá bem-intencionada mas, penso, prejudicial nos resultados, que são as Jornadas Pedagógicas Nacionais. Setúbal parece ter recolhido material nas 1^{as} Jornadas e, somando-o a muitas ideias próprias, deu-o à estampa.

Resta-nos dizer que (podemos estar a ser injustos) os três, desta feita, não parecem mosqueteiros... ouvem-se pouco gritar “um por todos e todos por um”!

E deixem-nos dizer mais uma coisa: Somos a favor da pluralidade das ideias e da liberdade de criação. Num movimento, ainda por cima de vincadas características democráticas, todos têm direito a fazer ouvir a sua voz e a propôr aos outros a aceitação das suas ideias.

Bem-vindas seriam, assim, as três propostas! Mas a forma da sua aparição, a proximidade temporal do seu surgimento público e o nosso próprio maquiavelismo que não nos permite retirar desta equação esse dado tão próximo que são as eleições para a Junta Central, põem-nos dúvidas. As propostas, à parte o seu valor intrínseco, trazem a marca da sua intenção, e talvez não se possa dizer que essa intenção seja, em todas elas, a da melhoria do nosso caminheirismo...

Toda esta introdução para nos justificarmos: vamos tomar, como ponto de partida para análise, o “Projecto de Proposta Pedagógica para a IV Secção” editada pela actual D.P.N., ignorando uma

As propostas, à parte o seu valor intrínseco, trazem a marca da sua intenção, e talvez não se possa dizer que essa intenção seja, em todas elas, a da melhoria do nosso caminheirismo...

questão que poderá ser abordada mais tarde: a da sua comparação subjectiva, global, com as propostas “de Braga” e “de Setubal”, no sentido de dizermos: esta é a melhor!

A bem do interesse do nosso caminheirismo, parece-nos conveniente fazer aprovar e colocar em prática a proposta da D.P.N. e, sim!, ir beber às outras, sem pruridos, sem mesquinhez, o que nelas for melhor, mais pensado, mais completo...

A proposta educativa para a IV^a Secção foi debatida no último Encontro Nacional de Caminheiros. E esses 600 escuteiros aderiram, propuseram algumas alterações significativas mas, fundamentalmente, **referendaram a proposta.**

Era de esperar. **Fundamentalmente esta proposta vive da adopção de uma nova mística: a mística do “Homem Novo”** que, em contraposição com a antiga mística do “cavaleiro medieval”, pretende ser uma imagem actual capaz de ...”fornecer referências concretas, tangíveis e sugestivas para os jovens!” na vivência, hoje, do projecto das “Bem-Aventuranças” e numa filosofia de comprometimento com valores cristãos firmes que podem exigir, a todo o momento, o desprendimento em relação à “estabilidade” e ao “conforto”. **É o projecto de um homem “peregrino num mundo de instalados”.**

É esta a pedra de toque de toda a proposta e, como aí é assumido, “esta proposta de valores e de elementos simbólicos é o pano de fundo, a estrutura fundamental sobre a qual assenta toda a metodologia... Questões como a organização da secção, as actividades físicas, a Pedagogia da Fé, devem tomar em consideração os valores fundamentais propostos”.

A adesão a este texto é fácil, no papel

ou no campo dos sentimentos pessoais. O seu desafio poderá ser um outro: o de adesão prática, de adesão no campo das acções.

Liminarmente propomos aos nossos jovens que questionem toda a sua inserção na sociedade actual; que recusem como desafio desinteressante toda a filosofia de existência de hoje, dos papéis e de ascensão social, da competitividade profissional e escolar.

E, deixem-nos ser idealistas, **é um desafio bem lançado, lindo, necessário... que vai chocar de frente com toda uma mentalidade feita, instalada** (instalada no nosso exterior e instalada, fortemente, em nós mesmos).

E, assim, hoje, o desafio é difícil e, mesmo por isso, pode ser mobilizante. É, indubitavelmente, forte no seu sentido humano e cristão. Serve e é bom!

Sobre o capítulo "Constituição" não nos alargaremos. É uma série de propostas concretas que mantém, globalmente, tudo na mesma. Uma única e fundamental diferença aparece mesmo no final:

"... A partida deverá ser dada até aos 22 anos de idade".

No Encontro Nacional de Caminheiros foi a guerra. Todos gostam disto. Ninguém quer ir embora antes dos 25.

Vejamos: **nós concordamos com a partida do Clã aos 22 anos**. Permitem-nos assim 5 anos de vida em clã, suficientes para o cumprimento do progresso. Diminuem-se o arrastamento de pés pelo clã do tipo "Maria vai com as outras". Fornecem-se, talvez, mais cedo e definitivamente, chefes às secções e, principalmente, **o escutismo cumpre a sua missão última de lançar na sociedade homens formados, a tempo**.

E aos 22 anos há homens formados? Pensamos que não completamente, mas

mais do que isso, pensamos que não é num caminheiro que essa formação deve ser diversificada e aprofundada. O escutismo, nas suas fórmulas actuais, esgota-se a certa altura. Mais aos 22 que aos 25.

O C.N.E. poderá criar, talvez, outras alternativas para a permanência dos jovens dos 23 aos 25 anos. Mais acção social concreta. Mais formação para a liderança...

Mais uma V Secção?

Talvez! Se não, tomem a vara, a mochila, o evangelho, a tenda, o pão... e partam!

Queremos falar, ainda, do **Sistema de Progresso**. Engendrado numa Jornada Pedagógica Nacional, a impressão que se fica quando se olha para ele é de que se trata, em relação ao resto da proposta, de uma enxertia mal conseguida. Série excessiva de provas obrigatórias e facultativas, desenquadradas da dinâmica de caminhada, só dificilmente ajustáveis à mística, simbologia e pedagogia da fé que constituem o tronco base da proposta, tem um único fim justo: a eliminação; e uma solução: a aprovação de um outro que, em vez de votado por uma mólhada bem intencionada de dirigentes, seja elaborado, calma e sabiamente, com base em coisas boas que até já existem (e aqui, olhem, dêem uma olhada à "de Braga").

Por fim diremos que, ao contrário de outras, esta proposta pedagógica é só isso mesmo: um documento de base. E está bem que assim seja.

Aprove-se e, de seguida, para que ela se torne exequível, elaborem-se (como parece ser intenção dos responsáveis) os manuais para dirigentes e caminheiros. É que a Pedagogia da Fé, os cerimoniais, a caminhada, precisam de ser ilustrados com ideias práticas.

entrevistada

Pe. FILIPE VIEIRA

Dados biográficos:

Entrei para o escutismo de mergulho, com um convite para trabalhar na Diocese de Leiria (ainda não havia Região) em 1954.

Fui a um curso preliminar da insígnia de madeira. O curso começou a um Domingo e terminava no Sábado seguinte. Na Quarta-Feira vieram-me perguntar se estava satisfeito. Eu disse que sim, que estava. E quando pensas fazer a promessa? - Quando acharem que estou preparado! Disseram que achavam que eu estava preparado e fiz a promessa ali mesmo, em campo.

Isto foi o início e sucintamente, o meu "curriculum" escutista é o seguinte:

Leiria - Guia de patrulha de estudos;

Assistente do Agrupamento S. João de Deus (1962) e do Seminário;

Colaborações pontuais com o C.N.E. de 1962 a 1967;

1967/70- Assistente Geral da 1ª Secção;

Novembro 1973 - Assistente da Comissão Executiva Nacional;

13 Julho 1975 - Assistente Nacional;

Formação: 1976 - França - Curso de Director de Formação.



Mente: Pe. Filipe, como é que vai a Assistência Nacional?

Pe. Filipe: A A.N., para mim, não vai satisfatoriamente. Nem para mim nem para a Associação. E não vai por motivos vários, uns de natureza pessoal, outros, se calhar, de natureza institucional.

De natureza pessoal os ligados à actividade profissional uma vez que, sendo também professor, não posso dedicar mais tempo ao C.N.E..

De natureza institucional os que têm a ver com a inserção do C.N.E. na Igreja e que abrangem quer aspectos nitidamente jurídicos, quer aspectos que se referem à vivência escutista, ao seu posicionamento pastoral... a própria inserção do C.N.E. na igreja, digamos: na dinâmica da igreja, tem a ver com a história do nascimento do próprio C.N.E..

Mente: Essa inserção da Associação na igreja não terá também a ver com a Assistência Nacional? Não deverá ser a A.N. a definir as regras que o escutismo deve...

Pe. F: Tem e não tem. Nós não somos uma associação unitária na sua vertente pastoral o que implica que a A.N. não pode ser um órgão director, orientador ou mesmo coordenador. Há autonomia das Dioceses do ponto de vista pastoral. Que implicação traz isso para o C.N.E.? Uma inserção pastoral numa Diocese implica uma coordenação, a esse nível, com outros movimentos de leigos. Pode existir, por exemplo, uma opção pelo C.N.E. ou, pelo contrário, uma menor afeição ao C.N.E. por parte, eventualmente do Sr. Bispo de uma Diocese, do pároco de uma paróquia... e nós conhecemos todos paróquias que apresentaram agrupamentos florescentes quando eram dirigidas por determinado pároco e, ao dar-se a mudança de pároco aquilo afundou-se... não haverá, em todos, a mesma sensibilidade sobre as vantagens de utilizar as possibilidades pedagógicas do C.N.E., do Escutismo, por acção pastoral. De resto, se vamos um bocadinho à história, o C.N.E., até 1975, era olhado um pouco (penso que não é nenhuma injustiça dizê-lo) como quase uma entidade privada do Arcebispo de Braga que era o Assistente Nacional, digamos, por inerência, por ter sido lá que o C.N.E. foi fundado... era também ele que presidia aos conselhos nacionais, uma coisa um pouco anómala confrontada com o que se passava na Acção Católica e outros movimentos que tinham por assistentes nacionais padres nomeados, vamos lá, pela autoridade eclesiástica. Só a partir de 1975, com os novos estatutos, se alterou a situação.

Mente: Já agora, o A.N. é um membro não eleito da Junta Central. Acha que isso poderá dificultar o relacionamento com os restantes membros? O seu projecto não poderá ser diferente do do resto da equipa?

Pe. F: Penso que podem existir sempre dificuldades. Bom, a forma prevista nos estatutos (não os tenho aqui) é que o A.N. seja nomeado ouvindo-se a Associação. O resto depende também da forma como se organizem as equipas da Junta Central. Com diálogo não há problemas inultrapassáveis. Sem diálogo podem surgir bloqueios que se reflitam na própria dinâmica da equipa, a qual pode não chegar a sê-lo na verdadeira acepção do termo... de qualquer forma o assistente não pode ser eleito com os restantes membros, tem um estatuto diferenciado uma vez que é representante de uma hierarquia e, como tal, deve ser necessariamente nomeado pela Conferência Episcopal. Embora deva compreender o escutismo, tenha de compreender o escutismo, tem que ter também a confiança da Conferência pois só nessa medida é representante da hierarquia. O problema não será tanto das normas e da estrutura existente, mas um problema de prática... as melhores normas podem ser perfeitamente destroçadas pela prática e normas deficientes podem ser superadas quando existe uma atitude de compreensão e de cooperação.

Mente: E nesta actual Junta existe? Estou-me a lembrar de um texto da

Flor de Lis de 1989 em que o Chefe Nacional Adjunto afirmava que "... nos últimos anos a acção visível do Assistente Nacional tem-se resumido a umas tantas orações no início e no fim das reuniões, a umas homilias por vezes interessantes nas assembleias do C.N.E. e à sua integração nalgumas delegações com funções representativas. Contributo demasiado modesto

quem acompanha as acções, a quem observa as actuações...

Mente: Mas de qualquer maneira existe unidade na equipa ou há dificuldades de relacionamento, como indica o artigo de 1989?

Pe. F. Bom, houve vários factores... em 88/89, por exemplo, estive meses sem aparecer na Junta Central por



para a amplitude da acção que atrás deixámos enunciado..." Portanto, um indivíduo da J.C. vem, no órgão oficial da Associação, dizer mal de um membro da sua equipa. A unidade existe?

Pe. F: Eu penso que ninguém pôs isso em causa. E eu prefiro não me pronunciar nesse sentido, uma vez que ele me atinge directamente. A

motivos de saúde que me afastaram, nesse período, inclusivamente, da actividade profissional. Tive um princípio de esgotamento provocado por motivos profissionais e andava com "os nervos à flor da pele", sem poder de encaixe, sem capacidade de acompanhamento... isto vinha desde o período da campanha eleitoral para esta Junta... até que ponto é que isso teve influência, não sei dizer. Mas

como referi, prefiro não ser juiz em causa própria... deixo às pessoas a avaliação e, sobretudo, é um assunto demasiado próximo... demasiado próximo e demasiado conflituoso para me dever pronunciar.



Mente: Não tem receio que a proposta da IV^a, que ajudou a preparar, bem como a da III, onde colaborou na reformulação da mística e da pedagogia da fé, sejam trabalhos desperdiçados... se o Conselho Nacional não as aprovar?

Pe. F: Penso que, desperdiçado não será. Nós nunca sabemos quando é que fazemos mais, se é quando aparentemente, "vencemos" ou se é quando, aparentemente, somos "derrotados". Cristo construiu mais na sua maior

derrota, na cruz. Derrota entre aspas. Porquê? Porque, no fundo, quando se trata da construção do Reino, quem dá o incremento é Deus, como diz S. Paulo. Um é o que semeia outro é o que colhe, um é o que semeia outro é o que rega, mas é Deus que dá o incremento.

Penso que este trabalho foi útil, é um trabalho feito com dedicação, com amor... e não partiu do zero mas do pensamento já elaborado por outros... e só é pena que não se faça mais isto, a todos os níveis da associação, que não haja tempo para refletir nesses valores profundos do escutismo, e que haja, portanto, um certo desequilíbrio entre o tempo que todos nós damos às estruturas e às infraestruturas e aos planos e às actividades... e gastamos tão pouco tempo nesta dimensão que é aquela mais específica de uma associação como a nossa - o escutismo católico.

Mente: Acha que é mais formador que assistente? Nestes últimos tempos tem estado a trabalhar mais com a divisão pedagógica que para a assistência nacional. O que é que o tem levado a ajudar tanto a Divisão Pedagógica Nacional?

Pe. F: Eu diria que sempre foi assim. Como disse há pouco estive ligado aos primeiros cursos de formadores adjuntos, ao lançamento de todo o sistema de formação, ainda antes disso, a partir de 77/78, com cursos monográficos... íamos ou a uma região, ou a outra, realizar pequenos cursos de fim de semana com, digamos, algumas peças que vieram a

dar, mais tarde, num puzzle, cursos mais estruturados... se é certo que a componente organizacional, financeira, internacional, etc, são importantes, é na componente pedagógica que se realiza toda a dimensão espiritual do C.N.E. e, portanto, não vejo essa dicotomia entre ser assistente e ser formador... é nas actividades pedagógicas, quer de formação quer de animação que os assistentes realizam a sua missão. Presidir a uma celebração é qualquer coisa, diria, não marginal é evidente, mas quase um bocadinho de acessório, não é aí que se realiza a acção principal...

Mente: E isso mesmo a nível dos agrupamentos?

Pe. F: É claro que sim. Na revisão que temos que fazer às normas regulamentares para implementação das novas propostas pedagógicas, na parte comum às 4 secções, é curioso que a equipa de animação não integra o assistente, para já. É uma das coisas que deve ser mudada, de acordo com o que foi pensado para a III e a IV...

Mente: Mas, ao mesmo tempo não se estará a cair numa contradição entre os pontos de vista teórico e prático? A nível nacional abundam párocos com 2 ou 3 paróquias... irão conseguir acompanhar os séniores e os caminheiros ou vamos ficar pela teoria?

Pe. F: Eu penso que é necessário é aprofundar a própria consciência, nos dirigentes, da acção que devem de-

envolver. A vocação apostólica é uma vocação baptismal, todos os leigos participam no sacerdócio de Cristo... então, a assistência como actividade diária ou a animação da pedagogia da fé é também uma missão dos leigos, não apenas do sacerdote... a partir, diria, dos 12/13 anos e durante toda a fase da III secção e dos jovens-adultos caminheiros, tem um peso extraordinariamente importante para a coerência da vida o testemunho dos dirigentes leigos. A palavra é necessária, mas a palavra é necessária sobretudo para revelar, explicitar o sentido de uma vida e de um testemunho...

Mente: O Pe. Filipe foi o elemento da J.C. que mais acompanhou a preparação e realização do Encontro Nacional de Caminheiros. Fê-lo à revelia da J.C.?

Pe. F: De maneira nenhuma!

É curioso que isso foi-me dito numa visita a uma região. Que a J.C. não se tinha empenhado naquilo, que "Não tinha dado a cara", foi a expressão usada. E eu perguntei porquê se dizia isso. O Chefe Nacional foi lá participar no Fórum. O Secretário Nacional Pedagógico participou no encontro com os chefes de Clã. Houve, desde o princípio, não só conhecimentos mas apoio por parte da J.C. a todo este empenhamento do Assistente Nacional na equipa que preparou... Portanto, é pura imaginação dizer uma coisa dessas.

Mente: Mas o Pe. Filipe... sei lá, o Pe. Filipe esteve nas reuniões de

preparação e, a tempo inteiro, no próprio encontro em si. Todos os outros membros da J.C. não acompanharam sequer a preparação.

Pe. F: Era necessário um assistente para o campo. Sou o único assistente... se calhar, se tivesse um adjunto ou assistentes nomeados para as equipas de animação das secções, teria eu ficado de fora... é uma questão ligada às circunstâncias, à disponibilidade e à capacidade de programação; nada mais do que isso.

Mente: Qual foi a pergunta que nós não fizemos e a que gostaria de ter respondido? Ou, o que é que gostaria de acrescentar a tudo isto?

Se não, fazemos nós uma pergunta mais mázinha (risos...)

Pe. F: Embora tenha posto a hipótese de deixar de ser Assistente Nacional, se calhar proximamente, não quer dizer que, a acontecer, eu deixaria de colaborar, que me afastaria do activo... por exemplo, poderia até continuar assistente, a trabalhar com uma secção, mesmo no plano nacional. Para mim isto não tem qualquer problema.

Mente: Vê com bom grado a existência de assistentes por cada secção, além do Assistente Nacional?

Pe. F: ... Cada equipa de animação de cada secção deveria ter um assistente, que pudesse aprofundar aquilo que existe de específico naquela idade, os pressupostos psicológicos

de cada idade são diferentes, os centros de interesse são diferentes, a linguagem tem que ser diferente...

Mente: Considerava isso uma proposta à próxima J.C. que vai ser eleita daqui a meses, ou à Conferência Episcopal? Ou a ambas?

Pe. F: Penso que deveria ser objecto de reflexão interna e de um diálogo com a Conferência Episcopal, de forma a podermos otimizar, digamos, os recursos... sabemos que eles são escassos, mas penso que se pode fazer mais um bocado do que se tem feito...

Mente: O que é que pensa das próximas eleições e, desde já, da pré-campanha... da maneira como isto está a decorrer?

Pe. F: Eu não sei; sinceramente desconheço qualquer pré-campanha. Não é coisa que seja muito do meu feitio. Já noutras alturas, com outras sucessões, digamos, de Junta Central, se falou em pré-campanhas, encontros, conversações. Eu nunca!

Mente: Mas já se começa a falar em listas, pelo menos...

Pe. F: Mesmo assim, não sei, não sei... tenho pena se acontecer o que já aconteceu na história do C.N.E.... que na sequência do processo eleitoral surjam fracturas, fissuras... e algumas fiquem durante anos...

(Desligámos o gravador. A tensão desapareceu e o desabafo começou...)

A MINHA PROPOSTA EDUCATIVA PARA A 5ª SECÇÃO

Enquanto o meu amigo Miguel Baio ocupa metade do último MENTE a defender a sua proposta para a 4ª secção com o subtilíssimo, politicíssimo, argumento de que as outras não existem (Mi, tem cuidado - ainda vais a deputado), eu dou um passo em frente e avanço com uma proposta educativa para a 5ª secção! Não se matem a vasculhar os Estatutos do Corpo à procura do que será tal coisa, pois não passa do nome que eu resolvi inventar para todos aqueles que passam directamente do Clã para o mundo lá fora.

Ainda hoje, alguns dos meus grandes amigos, conheci-os no Escutismo. E o laço que nos une, se tem muito a ver com os nós que aprendemos a fazer, mas de tudo aquilo que falávamos quando os fazíamos. (Estou até a pensar escrever um livro com o título "De que falamos quando falamos de nós".) Aprendi a aceitar com naturalidade, e na prática, pessoas que vinham de meios diferentes dos meus, viam filmes diferentes dos meus, diziam asneiras diferentes

das minhas... Afinal não é por acaso, que andávamos fardados, uniformizando maneiras diferentes de vestir - se bem que hoje em dia talvez isso já nem fosse necessário.

Este artigo não é no entanto meramente apologético da maneira de estar do CNE. Gostava de ir um pouco mais longe e lembrar que esta maneira de estar não existe por acaso, mas conquista-se dia a dia, acampamento a acampamento. E não podemos esquecer nunca, na minha opinião, que, se o Escutismo em si é suficientemente rico para justificar a existência de associações aconfessionais, por outro lado a associação ao Catolicismo traz algo de novo e melhor. Não ao Catolicismo em que o padre cede as instalações

a troco de recrutamento assegurado para actividades que de outro modo estariam às moscas. Mas sim a um Catolicismo em que o padre arregança as mangas, por vezes literalmente, e faz dos acampamentos metáforas vivas das pistas espirituais que vai dando para uma visão cristã do mundo.

Fazer nós e pórticos em PH é suficientemente aliciante até uma certa idade. Mas os Caminheiros, têm de ir mais longe.

Fazer segurança ao Papa no Restelo é em si muito positivo, mas talvez não seja mau também discutir no clã a homilia... Ou Ecologia, ou Filosofia, ou muitas outras coisas, acabadas ou não em "ia"...



mandate

ZÉ ALFAIATE

É o terceiro mandamento:
“O escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção”

Trazemo-lo às costas como a tartaruga traz a carapaça. Um lenço de escuteiro ao pescoço é um estigma, uma cicatriz, um letreiro luminoso a dizer:

“Aquele sim, é uma boa pessoa!”

Ficamos rotulados e, enfim, à primeira vista, de forma benevolente.

O pior é que, neste escutismo português, o escuteiro vive entre gente... portuguesa!

E esta gentinha, quando diz, de alguém: “Olha! que bom moço!” pode até querer dizer, apenas, o que as palavras inocentemente contêm. Mas é excesso de inocência esperarmos que ela dê um sentido claro, limpo e unívoco a qualquer paleio. **O bom escuteiro, endurecido pelas agruras da vivência diária junto de tais companhias sabe que, quando lhe atiram um elogiozinho, há 90% de hipóteses de lhe estarem a ditar o destino:**

Querem papá-lo por bom!

O terceiro torna-se, assim, o mais perigoso de todos os mandamentos! Será útil, eventualmente, para consumo meramente interno, para quando o júnior não quiser ir lavar a loiça ou o sénior pretender trocar a limpeza da praia por uma espreitadela às banhistas. Aí sim, o chefe saca do terceiro

e põe a malandragem a ser útil e a praticar activamente o bem.

O pior são os outros (“O inferno são os outros”, como diria o Sartre). **O mandamentozinho, tornado do conhecimento público por via dos escuteiros-patos da Walt-Disney, de parolas sérias de televisão britânicas e de alguns indígenas de lenço ao pescoço que acham piada a serem o capacho do alheio, tornou-se o pior inimigo do verdadeiro escuteiro.**

Ficamos tramados, indignados, possessos!!...

Vai um janota na rua, de farpela bem arreada, lencinho ao pescoço e um indolente espírito dominical, a caminho da missa ou da reunião de chefes, e pimba:

“Oh escuteiro, dá aí uma mãozinha a carregar estas caixas...”

Um tipo não tem escapa e, em prol do bom nome do movimento, vai buscar à reserva aquela cara de prestabilismo idiota que lá traz para estas ocasiões.

E, lá por baixo, enquanto espeta nas mãos lascas do raio do pinho de que são feitas as danadas das caixas, vai fervendo... e mais ferve na antevisão do agradecimento que, no final, lhe fará o descarado do mamífero:

“Tás a ver. Ainda bem que te apareci aqui, caído do céu, ao domingo de manhã. Percebi logo que estavas àrrasca para aviar a boa-acção diária”.

Um sujeito despede-se com um aceno, diz que já está atrasado, e dá corda aos sapatos antes que a indignação o faça esquecer que está fardado, que é a imagem viva do movimento e coisa e tal e lhe leve a mão à cara do abusador...

Isso: do abusador!

É de abuso que se trata...

O conhecimento que a gandulagem não-escuta tem deste preceito da nossa lei, entremeado com a nossa - em si correcta - intenção de sermos legais cumprindo-a, torna-nos uma espécie de "BOA-ACÇÃO. SARL", Sociedade descapitalizada que cumpre objectivos impostos por quem, com ela, nada tem a ver.

Gostávamos de vos dar uma solução adequada para o grave problema que a existência deste terceiro artigo da nossa lei representa para o nosso justo descanso e a nossa nada avara pretensão de só fazer-mos o bem quando, livremente, nos der na real gana. Mas enquanto os nossos bons princípios, a nossa fidelidade às normas que regem o movimento escutista, a nossa irreductibilidade no cumprimento escrupuloso da lei, se encontrarem, na praça pública onde a todos é permitido o acesso, com aqueles que, sabendo dessa nossa bondade, aproveitam para a usarem em proveito próprio ou (ainda mais mesquinamente) para, utilizando-nos, se rirem depois, nas nossas costas, da nossa inocente disponibilidade, ficamos nas intenções.

Apetecia-me dizer: não cumpram o terceiro artigo!

Mas, nós, que nos batemos, de peito

aberto, pela legalidade no C.N.E. sabermos, agora, reprimir tal grito.

Que fazer, pois?

A única solução, incompleta, imperfeita, é a de não dar, tanto quanto possível, as armas ao inimigo.



Torne-se o terceiro artigo numa norma gritada em segredo nas nossas reuniões. Como faziam os antigos cristãos com a palavra, murmuremo-lo apenas no segredo das nossas sedes, novas catacumbas para novos justos.

E se, por exigência de qualquer cerimónia pública, se tornar necessário declamar a lei em voz alta, brigadas escutistas especiais devem criar os meios para, no momento de o terceiro se tornar ouvido, e consoante os casos, desligarem os microfones, terem um violento ataque de tosse ou, mais sofisticadamente, o

fazerem submergir por um tremendo "piiiiiii!!!".

Porque o terceiro é nosso, aos outros deixamos a responsabilidade de suarem as suas boas-acções para consumo próprio.

Fim à exploração do escuteiro pelo abusador!

mente

Trad. A. CARDOSO

Agir

Todos desejamos pôr em prática uma acção espectacular, marcante. Não faltam ocasiões para tal: limpar o bosque, despoluir o rio, etc. Mas cuidado para não transformar a secção em reserva de mão-de-obra.

Fazer por fazer não serve de nada.

Quais poderão então ser os critérios de uma boa escolha?

Uma acção acompanhada

É importante poder acompanhar a acção; não basta limpar o regato, ou o



bosque, ou pôr ninhos uma única vez, mas sim envolver-se com a secção no que se faz, para poder agir sempre que necessário.

Uma acção útil

Raras são as acções inúteis, mas deve-se zelar sempre para que a acção beneficie toda a comunidade, e não apenas a secção ou uma pessoa (apanhar as folhas secas do relvado do primo do padre...)

Uma acção consciente

Agir, é bom. Compreender o como e o porquê, é melhor. Trata-se de recheiar a acção de encontros, visitas, jogos, que permitam a todos os membros da secção compreender as razões que os impelem.

Estes três critérios são indissociáveis: uma acção não pode ser seguida utilmente se não for consciente, reflectida. Voltemos ao exemplo da limpeza do bosque. Se a cada três meses a vossa secção é forçada a recomeçá-la, não podemos negar que haja acompanhamento, mas também não podemos deixar de nos interrogar sobre a sua real utilidade e a "consciência" que tendes da acção. Neste caso, uma acção consciente deve impelir-vos a tentar compreender as razões que fazem com que o bosque seja constantemente batido. Um acompanhamento consciente e útil será então pedir ao proprietário lugares onde instalar contentores, sensibilizar os frequentadores, etc.

Qualquer que seja o atractivo das propostas de acção que vos façam, nunca se esqueçam que **no Escutismo a acção não é um fim em si, mas um meio de progresso, de aprendizagem, de educação.**

In "Objectifs", nº 232 (25 Janeiro 91), F.S.C.

CLEmente



SÊNIOR

EH PÁ! SOBROU-ME ISTO
TUDO NA MONTAGEM DA MINHA
TENDA ...



OLÉ! POSSO DIZER-TE
UMA COISA?...



E QU'É QU'EU
FAÇO COM ISTO?



... E SE EU TA
DISSESSE MUITO
BAIXINHO, AO
OUVIDO?



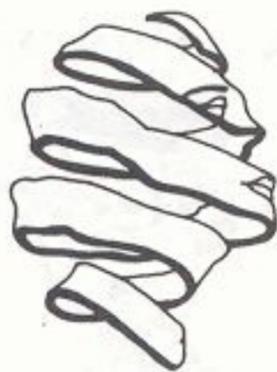
ONDE É QUE EU...

UPS!



Aiiiiiii





mente

TRATAR A DIFERENÇA POR TU

CONSTRUTIVAMENTE...

IRREVERENTEMENTE...

PROFUNDAMENTE...

CRITICAMENTE...

INOVADORAMENTE...

EXCELENTEMENTE!

ASSINATURA DA REVISTA MENTE

NOME

MORADA

Assinatura anual (6 números) - 600\$00. A partir do nº

MENTE - APARTADO 3089 - 3000 COIMBRA